

Resenha: How we read now

Juliana do Amaral

Universidade Federal de Santa Catarina – Santa Catarina – Brasil

Quais são as diferenças entre ler um texto impresso, em meio digital e ouvi-lo? Como essas diferenças são afetadas pelo gênero textual, pelos tipos distintos de testes de compreensão, pela tecnologia em si e por diferenças individuais em termos de preferências, percepção e motivação? As estratégias utilizadas na leitura em papel são transferidas para o meio digital? Essas são algumas das questões abordadas por Naomi Baron em *How we read now – strategic choices for print, screen, and audio* (2021), sem tradução no Brasil.

Em tom informal e objetivo, a renomada linguista parte de estudos recentes para traçar um panorama das pesquisas atuais sobre os efeitos da digitalização da leitura. Na Parte I, são discutidos fatores interferentes como a materialidade do meio impresso (peso do livro, textura da página e o próprio cheiro da folha), e o conhecimento prévio do leitor. A partir de estudos sobre o perfil dos estudantes, a autora destaca que meninas e mulheres leem mais e têm melhor desempenho em testes de compreensão; crianças tendem a perceber a leitura como uma atividade chata; jovens e adultos reportam preferência pela leitura em meio impresso.

O capítulo 2 traz um panorama das diferenças de compreensão entre tipos textuais (narrativas/textos expositivos) com relação ao meio (impresso/digital). Em geral, a compreensão de narrativas não é tão afetada pelo meio quanto são textos expositivos; para estes últimos, a performance leitora é geralmente melhor se a leitura é feita em papel. A leitura de textos longos e o envolvimento emocional com obras de literatura estão relacionados ao desenvolvimento de habilidades leitoras complexas como a geração de inferências. No entanto, as pesquisas no contexto

norte-americano apontam que crianças e adolescentes estão lendo cada vez menos por prazer.

Um cenário semelhante ocorre em nosso país: a pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, publicada em 2020, estimou que 52% da população acima dos 5 anos seja leitora (leu um livro nos últimos 3 meses). O número diminuiu em comparação com a edição de 2015 e os dados revelam uma tendência de decréscimo do hábito de leitura com a idade. Além disso, 82% dos leitores reportam que gostariam de ter lido mais, porém não o fizeram por falta de tempo: a leitura compete com outras atividades como assistir televisão e filmes, usar a internet, trocar mensagens por WhatsApp e escutar música.

Estaria a diminuição no interesse por narrativas longas associada ao aumento no uso de telas e à uma predileção por textos online (em geral mais curtos)? É esta a aposta de Baron – corroborada por seu estudo recente, que analisou os dados do Exame nacional de progresso educacional (NAEP – *National Assessment of Educational Progress*) 2017 de 149,400 estudantes de 4º ano do fundamental e 144,900 de 8º ano. Os resultados apontaram uma correlação positiva entre a frequência de uso de dispositivos digitais nas aulas de línguas e baixo desempenho em exames de compreensão (Salmerón; Vargas; Delgado; Baron, 2022).

O que move o leitor a optar entre papel e digital? Mesmo com a onipresença de telas e seus efeitos negativos na compreensão, os leitores reportam preferência pelo meio impresso. Estudantes de graduação dos Estados Unidos disseram que, se o custo fosse o mesmo, prefeririam ler em papel, meio no qual concentram-se melhor. Baron analisa fatores como as mudanças do mercado editorial na educação

e a política de primazia pelo digital a fim de baixar custos para o consumidor e aumentar lucros, além da pandemia de COVID-19, que forçou professores a deixarem de lado livros impressos. Há também elementos externos (físicos) e internos (mentais) que definem a especificidade de cada meio: os elementos físicos dizem respeito a fatores como tangibilidade, postura ao ler, e elementos exclusivos da leitura digital como *scrolling* e navegação por hiperlinks. Já os elementos mentais estão relacionados ao comportamento humano (ex.: comportamento multitarefa e presença de celular afetando o desempenho em tarefas cognitivas).

Uma vez que o foco do livro é na leitura em situações de aprendizagem, o capítulo 3 discorre sobre comportamento leitor estratégico. Baron distingue três tipos de estratégias: as de compreensão, as que envolvem escrita, e as de revisão e teste. A estratégia de autoteste é destacada como eficiente para retenção, seguida por reler, realçar texto e fazer um resumo – em essência, ações que envolvam engajamento. As estratégias usadas para ler material impresso são transferidas para o meio digital, mas nem sempre se aplicam à leitura em áudio; já o uso de estratégias ao ouvir materiais depende de instrução. No entanto, pouco adianta saber quais estratégias são mais eficientes se os estudantes não estão lendo: no ensino superior, além do tempo reduzido para leitura (apenas 35% leem mais de uma hora por semana), os estudantes norte-americanos não fazem todas as leituras obrigatórias de cada disciplina – apenas cerca de metade completavam as leituras antes da aula.

A Parte II explora o contraste entre leitura em papel versus digital em contextos de leitura de apenas um texto e de textos múltiplos. No capítulo 4 discute-se o uso de telas por faixa etária e tarefa: entre crianças de até 2 anos, recomenda-se que a leitura literária seja em papel. Telas podem auxiliar no desenvolvimento da coordenação motora e na aquisição de vocabulário. Entre crianças em idade pré-escolar, pais que leem para os filhos fortalecem seus laços afetivos e estimulam o diálogo, e livros infantis impressos geram maior interação entre a criança e o adulto. Livros digitais bem desenvolvidos podem

auxiliar na compreensão e aprendizado de vocabulário, além de serem atraentes.

Leitores em idade escolar percebem a leitura impressa como um meio que facilita a concentração e o aprendizado, enquanto na leitura digital há mais comportamento multitarefa e possíveis distrações; lê-se mais rápido e os escores de compreensão são piores. Esses dados corroboram a teoria da superficialidade (*shallowing hypothesis*), segundo a qual os leitores esforçam-se menos ao ler em meio digital em virtude do tipo de leitura que geralmente ocorre nas telas, como o uso de mídias sociais. Já o meio impresso está associado a melhor desempenho em perguntas que envolvem geração de inferências e ordem cronológica dos eventos, e melhor compreensão de textos longos e de gêneros expositivos.

De fato, há características do texto digital que podem dificultar a compreensão. Por exemplo, a percepção espacial do texto fica comprometida ao se ler em tela pois há a necessidade de rolar a barra para se ler o texto na íntegra. Se o leitor não sabe se está na metade do texto ou próximo do fim, pode ter dificuldade em lembrar informações.

O capítulo 5 destaca a leitura de textos múltiplos. Ler mais de um documento não é algo exclusivo da leitura online, porém a internet tornou essa prática mais comum. Navegamos não apenas para aprender sobre a Guerra do Paraguai, mas também para ler a biografia de alguma personalidade, sanar uma dúvida sobre o uso de um medicamento, saber se café faz mal ou bem para a saúde ou entender sobre a guerra Israel-Palestina. Essas informações estão disponíveis em uma fração de segundo, porém o cyberspaço é um campo no qual qualquer um pode publicar o que quiser (e com bastante espaço para anúncios). Como páginas web não passam pelos filtros convencionais das editoras e revisões por pares de periódicos, a seleção de fontes confiáveis fica a critério do leitor. Baron lista três competências cruciais para a leitura online de textos múltiplos a partir do trabalho de Salmerón (2018): buscar, analisar e sintetizar. A primeira diz respeito à navegação (as palavras-chave utilizadas e inspeção dos resultados) e à seleção de hiperlinks em um texto. Análise é a habilidade de avaliar a credibilidade do

conteúdo com base em características da fonte. Síntese é a capacidade de integrar as informações encontradas (que podem ser contraditórias), formando um conceito coerente.

No capítulo 6, Baron apresenta estratégias para uma leitura eficiente em tela. Em sentido restrito, estratégias são decisões tomadas pelo leitor a partir de uma dificuldade na compreensão do texto ou em situações de estudo, a fim de engajar-se com o material. No entanto, cabe uma ressalva: o termo “estratégias” é usado pela autora em sentido amplo. A aplicação de estratégias varia conforme o objetivo de leitura, as características do leitor (competência leitora, conhecimento prévio e interesse, meio preferido, motivação, memória de trabalho, proficiência em L2, atipicidade). Em situações de estudo, essas ações são pautadas no conceito de aprendizagem ativa, ou seja: o estudante deve engajar-se com o conteúdo, elaborando sobre o que lê. O meio interfere no comportamento leitor: menos estratégias são empregadas ao estudar textos digitais em comparação com o meio impresso. Familiaridade com ferramentas digitais e capacidade de focar a atenção também influenciam a leitura em tela. Tendo em vista esses fatores, recomenda-se um equilíbrio entre o uso de telas e materiais impressos, além do desenvolvimento de competências de navegação, avaliação e integração.

A leitura em áudio e vídeo é abordada na Parte III. Ao ler seu título, imediatamente vem a pergunta: ouvir e ver um vídeo podem ser consideradas atividades de leitura? Baron argumenta que, em termos neurológicos, tanto a leitura quanto a escuta envolvem processamento linguístico; o que muda é o canal sensorial. Mesmo com a popularização do áudio para fins educativos como audiolivros e podcasts, Baron salienta que é mais fácil recordar textos lidos em comparação com textos ouvidos: a escrita permite ao leitor determinar o ritmo da leitura, identificar seções, reler e pular partes que não interessam. Essa primazia do texto escrito consolida-se à medida que os estudantes avançam em anos de escolarização. Além disso, ouvir um texto permite comportamento multitarefa e está associado a menor esforço para revisar (estudantes raramente ouvem o material duas vezes, comprometendo a retenção).

Quando a leitura é combinada com narração, a redundância não afeta a compreensão: pesquisas apontam melhora no reconhecimento de palavras, rapidez na leitura e aprendizagem – e os efeitos positivos estendem-se a estudantes com dislexia. Vídeos também são ferramentas cada vez mais comuns entre os professores; no entanto, os resultados das pesquisas divergem. Em comparação com a leitura em papel, estudantes que assistem vídeos geram menos inferências e tendem a acreditar mais acriticamente em informações vistas/ouvidas comparados com estudantes que leem o mesmo conteúdo. No entanto, se o design permite interação, vídeos podem ser tão eficientes ou mais quanto papel. Em um estudo, os estudantes perceberam vídeos como facilitadores da aprendizagem, porém os testes evidenciaram baixa compreensão ao assistir vídeos em comparação com outros formatos de apresentação do conteúdo.

O capítulo 8 traz estratégias para leitura com áudio e vídeo – e muitas das ações para a leitura em papel valem para esses meios: evitar comportamento multitarefa, ter em mente o objetivo da leitura, monitorar a compreensão e elaborar sobre o conteúdo por meio de anotações (escritas ou digitais) e mapas conceituais. É igualmente importante revisar e testar a compreensão. Ensinar como fazer uso produtivo dessas ferramentas (como tocar o áudio ao ler o texto para manter a concentração) é, segundo a autora, crucial para aprender a partir de materiais audiovisuais.

Na última parte, Baron explora caminhos futuros. O capítulo 9 inicia com uma reflexão sobre o estilo de vida moderno, que prioriza experiências ao consumo de bens materiais, o que impacta diretamente a aquisição de livros. Nessa relação digitalizada de consumo, a ausência de propriedade física interfere na valoração do artefato cultural. Baron teme que o crescimento de uma “mentalidade digital” se estenda ao meio impresso, resultando na leitura superficial (*skimming*), multitarefa e pouco reflexiva como comportamento padrão e em uma postura de aprendizado pouco engajada. O último capítulo discute paradoxos atuais e caminhos futuros da leitura e suas repercussões na educação. Por exemplo, os estudantes americanos compram menos livros físicos

e os consideram “chatos”; no entanto, reportam aprender melhor com materiais impressos. Outro ponto controverso diz respeito à urgência em desenvolver o pensamento crítico dos estudantes, o que pressupõe a disposição à leitura de textos longos. Muitos não estão dispostos a engajar-se nesse tipo de atividade reflexiva, uma vez que ela vem de encontro à supracitada “mentalidade digital” que popularizou a leitura rápida e rasa. Além disso, o acesso fácil a informações na internet trouxe o questionamento: o que precisamos memorizar e quais informações podem ser consultadas e logo esquecidas? Isso também está relacionado com o desenvolvimento do pensamento crítico, que se constrói nas relações entre o objeto de análise e o conhecimento prévio. Dessa forma, o desafio consiste em ensinar o estudante a valorizar o conhecimento, reconhecendo sua aquisição como um processo complexo e fundamental para a formação do pensamento crítico.

Em *How we read now*, Baron expõe os desafios da leitura na era digital e também propõe alternativas a esses desafios. Não é tarefa fácil, mas a autora aponta caminhos para que o leitor, consciente desse novo contexto, saiba discernir as especificidades do meio digital e aplicar as estratégias necessárias: focar sua atenção (por exemplo, reduzindo distrações e mutando notificações); elaborar sobre o que lê; dedicar o tempo necessário à tarefa. No entanto, é de suma importância que o leitor “volte para casa” (Wolf, 2018), sentindo vez ou outra o peso de um livro e a textura das páginas nas mãos. Ler é uma atividade complexa, variando das formas mais contemplativas às mais engajadas de leitura; reconhecê-la em sua multiplicidade permite ao leitor tirar o melhor proveito possível da experiência leitora.

Referências

- FAILLA, Zoara. *Retratos da leitura no Brasil*. Instituto pró-livro e Fundação Itaú Cultural: 5ª ed. 2020. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/> Acesso em: 18 dez. 2022.
- SALMERÓN, Ladislao; STROMSO, Helge I.; KAMMERER, Yvonne; STADTLER, Marc; VAN DEN BROEK, Paul. Comprehension processes in digital reading. In: BARZILLAI, Mirit.; THOMSON, Jenny; SCHROEDER, Sascha; VAN DEN BROEK, Paul. (org.). *Learning to read in a digital world*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2018, p.91-120.
- SALMERÓN, Ladislao; VARGAS, Cristina.; DELGADO, Pablo; BARON, Naomi S. *Relation between digital tool practices in the language arts classroom and reading comprehension scores*. Reading and Writing. 2022. <https://doi.org/10.1007/s11145-022-10295-1>.
- WOLF, Maryanne. *Reader, come home: the reading brain in a digital world*. New York: Harper, 2018.